

LIVROS ([HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/ILUSTRADA/LIVROS/](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/livros/))

Mulheres confrontam o silêncio da ditadura com nova leva de livros de ficção

Enquanto 'Ainda Estou Aqui' faz sucesso no cinema, autoras mais jovens elaboram memória do regime militar em romances

2.dez.2024 às 10h00

Paula Jacob

SÃO PAULO "Escrevo porque nasci sem memória." Nas primeiras páginas do breve romance "No Muro da Nossa Casa", Ana Kiffer já demonstra a imensidão da sua proposta literária de investigar os efeitos da ditadura militar

[\(https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/ditadura-militar/\)](https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/ditadura-militar/) na dinâmica da sua família.



Ana Kiffer, autora de 'No Muro da Nossa Casa' - Simone Marinho

Relatos de ex-militantes presas e grávidas (<https://m.folha.uol.com.br/poder/2014/08/1502711-jornalista-revela-como-foi-torturada-nua-gravida-e-com-cobra-pela-ditadura.shtml>) durante o regime serviram de base para a ficção publicada na Bazar do Tempo, um diálogo entre mãe e filha tecido décadas depois, em resposta ao silêncio que pairava no ar.

"Esse livro é uma reivindicação por uma existência, tanto dessa mãe que não pôde falar na época, quanto das mulheres da geração dela, silenciadas pelo medo de terem sobrevivido", diz a escritora, professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A conversa, que nunca aconteceu em vida, elabora a herança dos conflitos geracionais e dos incômodos diante do silêncio. "A ambiguidade do vazio e da fusão era importante para ajudar a criar a distância [entre as personagens]."

As lacunas não são exclusivas dessa história, como mostra o sensível romance "Sobre o que Não Falamos", publicado na editora 34 por Ana Cristina Braga Martes (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2024/04/livros-mesclam-ficcao-e-memoria-para-revirar>

[ditadura.shtml](#)). Nele, uma jovem menina que mora com os avós não compreende o abandono dos pais e busca respostas em um contexto de opacidade e meias-verdades.

"Para saber deles, ela também precisou conhecer mais de seu país", conta a autora, que é também socióloga e doutora pela Universidade de São Paulo. "Quando comecei a escrever o livro, eu tinha a cena de uma garota sentada na cozinha dos avós dela, e aquela casa tinha um silêncio que pesava. Tentando rastrear essa sensação, descobri que o silêncio era de uma ditadura."

Braga Martes, inclusive, exemplifica a presença desse não dito com Eunice Paiva (<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/maternal/2024/11/a-maternidade-de-eunice-paiva.shtml>), vivida por Fernanda Torres no filme "Ainda Estou Aqui" (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/ainda-estou-aqui/>), adaptado do livro de Marcelo Rubens Paiva (<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/walter-porto/2024/09/livro-ainda-estou-aqui-de-marcelo-rubens-paiva-tera-sequencia-e-sera-traduzido.shtml>).

"Ela fala muito pouco, a expressão dela diz muito mais. Eu acho que é impossível retratar a ditadura sem tocar nesse silêncio mórbido e imposto da censura, da prisão, da perseguição, da morte."

Ao centralizar a história da família Paiva em Eunice, Walter Salles discute o papel das mulheres na memória daquela época, assim como as escritoras. "Eu tenho a impressão que elas podem falar sobre esse tema suscitando novas sensibilidades", diz Kiffer.

Apesar de histórias sobre a ditadura militar no Brasil não serem algo inédito, desde meados de 2010 uma houve mudança nesse registro.

"As mulheres começam a publicar suas narrativas da ditadura principalmente com a preparação da Comissão Nacional da Verdade (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/comissao-da-verdade-completa-10-anos-com-legado-ofuscado-por-crise-politica.shtml>) [que entrou em vigor em 2012]. Elas tiveram a necessidade de um tempo muito maior para elaborar essas histórias, ainda publicadas por pequenas editoras ou de forma independente", diz Eurídice Figueiredo, autora dos livros "A Literatura Como Arquivo da Ditadura Brasileira", da 7Letras, e "Mulheres Contra a Ditadura", da Zouk.

Neste último, lançado em setembro, a professora reúne sua pesquisa sobre os escritos daquelas que viveram ou são filhas dos que viveram a fase autoritária. "Esses textos são pouco estudados e divulgados, até por isso dediquei a primeira parte do meu livro para a historiografia das militantes da época."

O resultado do trabalho minucioso de mapeamento dessas publicações mostra a diferença entre a ficção, mais feita por autoras mais jovens, e os relatos, escritos pelas que foram encarceradas e torturadas.

"A literatura mais recente me tocou por mostrar como essas autoras estavam voltadas para a questão da violência sobre o corpo das mulheres, das militantes presas. É algo que me pareceu novo", aponta ela, que, na época, fazia parte da resistência estudantil e foi exilada para a França.

"As militantes que tentam contar as próprias vivências costumam ter uma narrativa mais linear e realista. Já a literatura contemporânea é um outro tipo de narrativa, mais distanciada. As autoras estão lidando com fantasmas, com grandes interrogações."

Para Ana Kiffer, além da Comissão Nacional da Verdade, o aumento dessa presença também coincide com a quarta onda do feminismo

(<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/12/polemico-livro-de-ensaios-sobre-feminismo-pode-se-tornar-obra-de-referencia.shtml>). "É um novo sopro de voz, de tomada da palavra pela mulher. Estamos vendo a necessidade de reescrita da história do Brasil sob outra perspectiva, das mulheres, das pessoas negras, dos povos originários. E essa retomada passa pelas vozes dos que não falaram [antes]."

Ana Cristina Braga Martes complementa. "A questão feminista (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/feminismo/>) permite contar isso de maneira mais ampla, e aí você percebe como a ditadura junta machismo (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/machismo/>), violência, autoritarismo (<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/autoritarios/>) e racismo (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/racismo/>)."

tudo a ler

Receba no seu email uma seleção com lançamentos, clássicos e curiosidades literárias

A publicação das obras não só incita a possibilidade de um diálogo sobre o passado, mas também abre portas para conversas importantes no presente.

"A memória não é um dado, ela é uma constante elaboração, porque pode se perder, se transformar em esquecimento. Vivemos um tempo no qual esse campo está em disputa, e a própria memória da ditadura começou a ser questionada. Ouvimos com mais frequência discursos de que ela não aconteceu, era uma invenção, ninguém foi torturado", aponta Patricia Machado, pesquisadora e professora da PUC-Rio.

Autora do livro "Cinema de Arquivo: Imagens e Memória da Ditadura Militar", da Sagarana, ela evidencia que o marco dos 60 anos do golpe (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/60-anos-do-golpe/>), acompanhado de livros e filmes tratando do tema, "mobiliza a sociedade a pensar na elaboração da memória".

"O presente nos coloca novas questões, nos permite olhar para trás e fazer outras perguntas, pensar sobre o que não foi pensado mas estava ali."

NO MURO DA NOSSA CASA

Preço R\$ 68 (98 págs.) **Autoria** Ana Kiffer **Editora** Bazar do Tempo

sua assinatura pode valer ainda mais

Você já conhece as vantagens de ser assinante da Folha? Além de ter acesso a reportagens e colunas, você conta com newsletters exclusivas (conheça aqui (<https://login.folha.com.br/newsletter>)). Também pode baixar nosso aplicativo gratuito na Apple Store (https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711?utm_source=materia&utm_medium=textofinal&utm_campaign=appletextocurto) ou na Google Play (https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR&utm_source=materia&utm_medium=textofinal&utm_campaign=androidtextocurto) para receber alertas das principais notícias do dia. A sua assinatura nos ajuda a fazer um jornalismo independente e de qualidade. Obrigado!